

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor

1º ciclo do 3º bimestre da 3ª série

Eixo bimestral: **CONTO E ROMANCE DAS LITERATURAS INDÍGENAS E
AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Bárbara Fadul

Conteudista

Marli Pereira

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR 1

O Texto Gerador a seguir é um trecho do romance *Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba*, do moçambicano Mia Couto. Integra, portanto, o romance de literaturas africanas. No trecho abaixo, apresenta-se um diálogo entre Bartolomeu Sozinho – ex-mecânico naval da Companhia de Navegação Colonial e nativo de Vila Cacimba, uma vila imaginária em Moçambique – e Dr. Sidónio Rosa – médico local, de nacionalidade portuguesa.

Venenos de Deus, remédios do diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba

– *Noutro dia, você zangou-se comigo porque eu não o chamava pelo seu nome inteiro. Mas eu conheço o seu segredo.*

– *Não tenho segredos. Quem tem segredos são as mulheres.*

– *O seu nome é Tsotsi. Bartolomeu Tsotsi.*

– *Quem lhe contou isso? De certeza que foi o cabrão do Administrador.*

Acabrunhado, Bartolomeu aceitou. Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha de seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho [Bartolomeu Sozinho].

– *Eu sonhava ser mecânico, para consertar o mundo. Mas aqui para nós que ninguém nos ouve: um mecânico pode chamar-se Tsotsi?*

– *Ininkabe dziua.**

– *Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?*

– *Deles? Afinal, já não é a sua língua?*

– *Não sei, eu já nem sei...*

O português confessa sentir inveja de não ter duas línguas. E poder usar uma delas para perder o passado. E outra para ludibriar o presente.

– *A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidonho? Eu já me estou a desmulatar.*

E exhibe a língua, olhos cerrados, boca escancarada. O médico franze o sobrolho, confrangido: a mucosa está coberta de fungos, formando uma placa esbranquiçada.

– *Quais fungos?* – reage Bartolomeu. – *Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...*

O riso degenera em tosse e o português se afasta, cauteloso, daquele foco contaminoso. [...]

O médico olha para o parapeito e estremece de ver tão frágil, tão transitório aquele que é seu único amigo em Vila Cacimba. O aro da janela surge como uma moldura da derradeira fotografia desse teimoso mecânico reformado.

– *Posso fazer-lhe uma pergunta íntima?*

– *Depende* – responde o português.

– *O senhor já alguma vez desmaiou, Doutor?*

– *Sim.*

– *Eu gostava muito de desmaiar. Não queria morrer sem desmaiar.*

O desmaio é uma morte preguiçosa, um falecimento de duração temporária. O português, que era um guarda-fronteira da Vida, que facilitasse uma escapadela dessas, uma breve perda de sentidos.

– *Me receite um remédio para eu desmaiar.*

O português ri-se. Também a ele lhe apetecia uma intermitente ilicitude, uma pausa na obrigação de existir.

– *Uma marretada na cabeça é a única coisa que me ocorre.*

Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso. [...]

* **Ininkabedziua:** expressão que significa “Eu não sei” (língua chisena, falada no Centro de Moçambique)

(COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do diabo:** as incuráveis vidas de Vila Cacimba. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 110-113.)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Identidade nacional sintetiza um conjunto de sentimentos que fazem com que um indivíduo se sinta parte integrante de uma sociedade ou nação. A língua é um importante elemento na constituição da identidade de um povo. Ela permite reconhecer membros da comunidade, diferenciar estrangeiros e transmitir tradições. No Texto Gerador 1, podemos perceber uma certa crise de identidade por parte do personagem africano Bartolomeu, obrigado a conviver com duas línguas. Com base nessas informações, responda:

- a) De que países eram essas duas línguas?
- b) Selecione um fragmento que conforme essa crise de identidade de Bartolomeu.

Habilidade trabalhada:

Analisar o ideal de liberdade e valorização da identidade nacional nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Resposta comentada:

A resposta ao item (a) não aparece diretamente no texto, mas os alunos podem inferir que um dos países é Portugal, colonizador de alguns países do continente africano e local de origem do Doutor Sidonho, com quem Bartolomeu trava um diálogo; o outro é Moçambique, país africano colonizado por Portugal, onde se fala a língua chisena, que aparece no texto em uma expressão do Doutor Sidonho.

No item (b) os alunos podem selecionar um fragmento do texto que confirme a crise de identidade de Bartolomeu a partir de algumas de suas falas. Uma delas seria “Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?”, em que Bartolomeu não considera a expressão do Doutor Sidonho em língua chisena, falada no centro de Moçambique,

como sua língua. Outra opção seria: “Não sei, eu já nem sei...”, resposta de Bartolomeu quando perguntado por Doutor Sidonho se aquela não era sua língua. Há ainda outras possibilidades: “A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidonho? Eu já me estou a desmulatar.” e “Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...”. Nesses excertos, Bartolomeu afirma que está deixando de ser mulato, tamanha a imposição da cultura do branco - colonizador português - expressa, nesse caso, pela língua.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

No Texto Gerador 1, o personagem Bartolomeu Tsotsi demonstra ter vergonha de seu nome e não valorizar sua identidade pessoal através de suas falas. Isso pode denotar uma desvalorização de sua identidade nacional, uma vez que o que somos e quem somos está ligado a nossa identidade nacional. Essa afirmativa está associada ao fato de que, enquanto indivíduos, pertencemos a determinada cultura. Por meio do trecho a seguir, o narrador expressa a desvalorização do personagem Bartolomeu:

“Ele se colonizara a si mesmo.”

Nesse trecho, o verbo “colonizara” foi utilizado referindo-se a um elemento diferente do usual, ampliando seu sentido. Explique o sentido adquirido pelo verbo no texto.

Habilidade trabalhada:

Identificar marcas linguísticas e recursos expressivos usados pelo autor que traduzam elementos da cosmovisão africana e indígena: concepção de universo, de vida e de sociedade.

Resposta comentada:

O trecho transcrito é: “Ele se colonizara a si mesmo”. A frase é dita pelo narrador após expressar que o personagem Bartolomeu Tsotsi tinha vergonha de seu nome original, o que denota uma desvalorização de sua identidade pessoal e origens. A noção de pessoa não pode estar dissociada das instituições e dos modos de organização social que propiciam a vida para os indivíduos. Logo, indivíduo e sociedade, ou personalidade e coletividade, estão indissociavelmente ligados.

O uso da forma verbal “se colonizara” demonstra que o personagem Bartolomeu Sozinho por não valorizar seu nome, marca de sua identidade pessoal, desvaloriza suas origens e identidade nacional. Dessa maneira, ele acaba por estabelecer consigo mesmo uma relação que remete para as noções ligadas às ideias que o verbo colonizar traz 1. transformar em (ou criar) colônia; 2. estabelecer relação colonialista; 3. habitar na qualidade de colono (disponível em <http://pt.wiktionary.org/wiki/colonizar>). O verbo colonizar pode, ainda, ser definido como o ato de “dominar politicamente um território ou país, com o fim de saquear ou administrar seus recursos naturais” (disponível em BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.).

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Os elementos de cosmovisão africana – visão de mundo e opiniões do povo – são temas recorrentes na literatura. Alguns destes elementos são os seguintes:

- ✓ Ancestralidade/Culto aos ancestrais, que sintetiza todos os elementos que estruturam a cosmovisão africana, fazendo uma ponte imediata com a história e a memória no desejo de não esquecer o passado;

- ✓ Religiosidade, que, mais do que religião, é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo;
- ✓ Liberdade, um dos maiores anseios do povo, que tanto sofreu com seu passado de escravidão.

Tais elementos representam alguns dos mais importantes valores na construção da identidade nacional do povo africano.

Assinale a opção que contenha (1) o elemento da cosmovisão africana contemplado no Texto Gerador 1 e (2) uma forma de conquistar esse elemento segundo Bartolomeu Sozinho:

- (a) (1) Religiosidade / (2) ter duas línguas;
- (b) (1) Ancestralidade / (2) desmulatar;
- (c) (1) Liberdade / (2) ter duas línguas;
- (d) (1) Religiosidade / (2) desmaiar;
- (e) (1) Liberdade / (2) desmaiar;

Habilidade trabalhada:

Analisar o ideal de liberdade e valorização da identidade nacional nas literaturas africanas de língua portuguesa;

Resposta comentada:

Apesar de a Ancestralidade e a Religiosidade aparecerem, frequentemente, nas mais diferentes manifestações artísticas do povo africano, não há qualquer referência a elas no texto gerador 1, portanto o elemento da cosmovisão africana contemplado é a Liberdade. Sendo assim, tornam-se inadequadas as alternativas (A), (B) e (D), e os alunos precisariam decidir apenas sobre a segunda parte da questão, a que diz respeito à forma de conquistar a liberdade segundo Bartolomeu Sozinho.

O desejo de liberdade está presente no texto de forma sutil, pouco explícita, principalmente porque não aparece em oposição à escravidão, como é mais comum na produção literária africana. Refletindo, primeiramente, sobre a possibilidade de ter duas línguas, pode-se afirmar que esse fato era motivo de crise de identidade por parte do personagem africano, algo que lhe aprisionava ao seu passado de país/povo colonizado, como foi observado no item (b) da questão 1 deste Roteiro de Atividades. A possibilidade de ter duas línguas é associada à crise identitária e à prisão, não apresentando, portanto, uma forma de conquista da liberdade, o que invalida a alternativa (C).

Com relação aos desmaios, que aparecem representados no texto por uma série de metáforas (“uma pausa na obrigação de existir”, “uma intermitente ilucidez”, “um falecimento de duração temporária” e “uma escapadela”), podemos perceber que o desejo de liberdade aparece como uma certa fuga de determinada condição, ainda que de duração temporária. Dessa forma, a resposta correta à questão é a alternativa (E).

É interessante os alunos compreenderem que os demais elementos da cosmovisão africana presentes no enunciado também são importantes na cultura e frequentes nas manifestações artísticas do povo africano. A discussão sobre esses e outros elementos da cosmovisão africana pode ser produtiva para ampliar a experiência cultural dos alunos acerca das influências negras.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

A cosmovisão de um povo relaciona-se à forma como esse povo concebe o mundo e age para transformá-lo. Alguns aspectos da cosmovisão africana estão dispostos abaixo e compõem a cultura afrobrasileira. Reconheça qual dos aspectos da cosmovisão africana aparece destacado no trecho:

“Riem-se. Rir junto é melhor que falar a mesma língua.”

- (a) Ancestralidade.
- (b) Musicalidade.
- (c) Religiosidade.
- (d) Socialização.
- (e) Oralidade.

Habilidade trabalhada:

Identificar marcas linguísticas e recursos expressivos usados pelo autor que traduzam elementos da cosmovisão africana e indígena: concepção de universo, de vida e de sociedade.

Resposta comentada:

Das cinco possíveis opções de respostas, duas já foram trabalhadas, ainda que indiretamente, em questão anterior: a Ancestralidade e a Religiosidade. Enquanto a primeira sintetiza todos os elementos que estruturam a cosmovisão africana, pois o culto aos ancestrais preserva e atualiza, da melhor maneira possível, a originalidade e a genuinidade dos elementos constituintes da história e da sociedade africanas; a segunda faz referência à universalidade dos benefícios da religião e da religiosidade a todos os membros da comunidade, pois os cultos religiosos visam ao bem-estar de todos, inexistindo divisão de classes ou privilégios sociais. Por não haver, no trecho em destaque, referência direta a traços de Ancestralidade ou Religiosidade, estão inadequadas as alternativas (A) e (C).

A Musicalidade é um elemento que reafirma a consciência de que o corpo humano é melódico, através da dimensão de que esse corpo dança e vibra em resposta aos sons. Não há referência melódica no trecho destacado, invalidando, portanto, a opção (B). Apesar de não ser a resposta correta, é interessante explorar mais o elemento Musicalidade com os alunos, sinalizando a influência da batucada do continente africano para a música brasileira.

A Oralidade diz respeito à expressão oral como força comunicativa a ser potencializada. Ela está associada ao corpo, porque é através da voz, da memória e da música, por exemplo, que nos comunicamos e nos identificamos com o próximo. O trecho aponta para a primazia do riso em relação à expressão oral, portanto a oralidade não representa o aspecto da cosmovisão africana em destaque, o que torna inadequada a alternativa (E).

A Socialização, por sua vez, representa o processo de formação dos indivíduos e suas personalidades de acordo com as normas tradicionalmente estabelecidas em suas sociedades. Esse processo é sempre coletivo e sempre visa a garantir o bem-estar social de seus membros. Dessa forma, a resposta adequada à questão é a opção (D), pois, no trecho, o fato de estarem juntos, rindo, se sobrepõe ao fato de falarem a mesma língua.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 5

Dois conceitos ocupam lugar estratégico nos estudos de cultura negra: *negritude* e *africanidade*. Vejamos esses conceitos por meio do quadro abaixo:

Negritude	Africanidade
Tem sua origem nas primeiras décadas do século XIX, no contexto de uma espécie de renascimento negro. Representa uma busca pela revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares.	Engloba a cultura, a arte, a língua, as tradições, as instituições, as crenças e as visões de mundo do povo africano.

Como vemos, *negritude* e *africanidade* são conceitos interrelacionados.

O diálogo entre Bartolomeu Sozinho e Dr. Sidónio Rosa revela, entre outras questões, que o negro e nativo reconhece no branco europeu qualidades e superioridades

que inveja e deseja para si. Tomando-se essa informação como ponto de partida, destaque alguns elementos do texto associados ao conceito de africanidade.

Habilidade trabalhada:

Analisar a produção literária do período colonial e pós-colonial, distinguindo conceitos de negritude e africanidade.

Resposta comentada:

Em primeiro lugar, é importante que os alunos analisem com cuidado o quadro apresentado na questão, levantando hipóteses de sentido sobre os conceitos que norteiam a questão. Da mesma forma, é interessante que eles conheçam o conteúdo da lei federal nº 11645/2008, afinal, ela respalda e incentiva a discussão da cultura e história afro-brasileira e indígena na educação básica.

Um primeiro elemento a ser destacado está logo nas primeiras linhas do trecho do romance. Trata-se do nome *Bartolomeu Tsotsi*. Drummond¹ (2011, p. 89-90) tece importantes considerações sobre esse nome e sobre essa personagem. Assim a autora nos fala: “Bartolomeu Sozinho é uma das figuras mais emblemáticas de *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*. É um negro que tem saudades do regime colonial e de sua vida em alto-mar a bordo do Infante D. Henrique. De tanto conviver com branco, acaba perdendo sua própria identidade. Nascido sob o nome de Bartolomeu Tsotsi, torna-se Bartolomeu Sozinho quando é batizado. ‘– Eu sonhava ser mecânico, para consertar o mundo. Mas aqui para nós que ninguém nos ouve: um mecânico pode chamar-se Tsotsi?’ (...).”

Tsotsi também significa ‘ladrão’, ‘membro de gangue’; para aproximar-se do português, do branco, Bartolomeu sentia que era imprescindível não carregar com ele um sobrenome de tamanha carga semântica, mas, ao fazer isso, e tornar-se Bartolomeu

¹ DRUMMOND, Ana Luiza Duarte de Brito. **Venenos de Deus, remédios de Bartolomeu**: uma análise do romance de Mia Couto. Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM, (4):85-91, 2011

Sozinho, ele acaba por perder sua identidade, ou, no mínimo, esmaecê-la. Portanto, um primeiro elemento de africanidade é o próprio significado dos nomes. O autor do romance, Mia Couto, cria uma personagem que vive a ambivalência de assumir suas características negras e, ao mesmo tempo, de desejar a cultura branca.

Outro elemento de africanidade é a própria língua em si. Vejamos o seguinte excerto: “O português confessa sentir inveja de não ter duas línguas. E poder usar uma delas para perder o passado. E outra para ludibriar o presente”. Na cosmovisão africana, muitas vezes uma língua é usada como sagrada, ou seja, para os rituais e contatos com a transcendência; outra língua é utilizada para as tradições e narrações dos feitos passados; outra língua, ainda, é utilizada no dia a dia. Esse multilinguismo é invejado pelo branco, que possui uma língua (no caso, o português) para as diversas atividades da vida.

Arelado a esse elemento, temos o próprio léxico utilizado pelo narrador. Apesar de escrito em língua portuguesa, Mia Couto nos brinda com um grande número de vocábulos de raiz africana, como *desmulatar*.

Como está explicitado no conceito anteriormente apresentado, elementos de africanidade consistem exatamente nisso: itens da cultura, da arte, da língua, das tradições, das instituições, das crenças e das visões de mundo do povo africano.

TEXTO COMPLEMENTAR 1

O texto complementar a seguir é um trecho do romance “*Gabriela, cravo e canela*: crônica de uma cidade do interior”, de Jorge Amado. A obra narra o caso de amor entre o árabe Nacib e a sertaneja Gabriela, inaugurando uma nova fase do autor, que, a partir deste romance, atenuou o conteúdo político que marcou seus primeiros livros para dar ênfase à mistura racial, ao erotismo e a uma percepção sensorial do mundo. O romance de sucesso, publicado em 1958, foi traduzido para mais de trinta idiomas, virou novela da TV Tupi, em 1961, e, mais tarde, da rede Globo, em 1975.

Atualmente, em 2012, retornou à TV Globo, com a atriz Juliana Paes como a protagonista Gabriela.

Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de Cana de Ilhéus. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

No balcão colocou a nórdica mãe-d'água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo de vidro grosso, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contente, diria a gemer: *precisava não, moço bonito...*

E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

(AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela:** crônica de uma cidade do interior. Rio de Janeiro. São Paulo, Editora Record, 1998, p.362)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 6

A seguir, você lerá um trecho do Texto Gerador “Venenos de Deus, Remédios do Diabo” e outro do Texto Complementar “Gabriela cravo e canela: crônica de uma cidade do interior”. Ambos remetem para a questão da identidade dos personagens (quem são eles).

Trecho 1 (retirado do Texto Gerador 1).

“– *A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidonho? Eu já me estou a desmulatar.*”

Trecho 2 (retirado do Texto Complementar 1).

“*Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.*”

Levando em consideração os conceitos de negritude e africanidade, assinale a opção que estabeleça adequadamente a relação existente entre os trechos destacados:

- (a) O trecho 1 remete à afirmação da identidade negra e o 2 remete à negação.
- (b) O trecho 1 remete à negação da identidade negra e o 2 também.
- (c) O trecho 1 remete à negação da identidade negra e o 2 remete à afirmação.
- (d) O trecho 1 remete à afirmação da identidade negra e o 2 também.
- (e) O trecho 1 não remete à negação da identidade e o 2 sim.

Habilidade trabalhada:

Analisar a produção literária do período colonial e pós-colonial, distinguindo conceitos de negritude e africanidade.

Resposta comentada:

Para responder à questão, é importante observar que o trecho 1, destacado, traz a questão da negação da identidade do negro pelo uso do termo “desmulatar” que pode ser interpretado, a partir da conotação que assume no contexto da história lida, como perda da identidade negra. Essa perda – deixar de ser mulato – aparece relacionada à doença que deixa o personagem com a boca branca: “E exhibe a língua, olhos cerrados, boca escancarada. O médico franze o sobrolho, confrangido: a mucosa está coberta de fungos, formando uma placa esbranquiçada”. Pode-se, ainda, destacar o fato de o personagem ter assumido como sua a língua do colonizador: “ – *Quais fungos?* – reage Bartolomeu. – *Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...*”.

O trecho 1, portanto, extrapola os sentidos denotativos dos vocábulos e pode ser entendido como uma crítica social, cultural e política à desvalorização da identidade negra, invalidando as alternativas (A), (D) e (E), que apontam para a afirmação da identidade negra.

Já no trecho 2, a caracterização de Gabriela, feita de cravo e canela, aponta para a valorização da cor da personagem ao associá-la à tonalidade e ao perfume dessas especiarias. A descrição minuciosa da mulata Gabriela está associada à exaltação de uma identidade negra, ou afrodescendente, o que torna inadequada a resposta (B). Os alunos devem reconhecer, portanto, a alternativa (C) como correta, já que, enquanto o trecho 1 está associado à negação da identidade negra, o trecho 2 remete à valorização dessa identidade.

QUESTÃO 7

A ideia de diversidade está ligada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diversidade, heterogeneidade e variedade. A palavra "etnia" é derivada do grego *ethnos*,

que significa "povo". Assim, podemos dizer que há várias etnias e diferentes povos formando a humanidade.

Com base nessas informações, identifique de que forma a temática da diversidade é comum ao texto *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, de Mia Couto e *Gabriela*, de Jorge Amado.

Habilidade trabalhada:

Reconhecer as principais tendências e temáticas das produções literárias indígenas e africanas, relacionando-as à produção brasileira contemporânea.

Resposta comentada:

Os textos apontam para uma temática comum: a diversidade. A diversidade diz respeito à variedade, assim, quando os textos trazem personagens de diferentes etnias, tematiza a diversidade humana por apresentar a existência de diferentes povos. No texto *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, de Mia Couto, temos um personagem português e outro moçambicano. Em *Gabriela*, de Jorge Amado, um marinheiro sueco, o turco Nacib e a própria mulata Gabriela, de "cravo" e "canela". Assim, por meio das diferentes etnias, a diversidade aparece como uma temática comum aos dois textos.

É importante destacar que a diversidade étnica e cultural deve ser reconhecida e valorizada, pois significa reconhecer e valorizar a diversidade humana, evitando o preconceito e o etnocentrismo (posicionamento de um grupo étnico considerar-se superior a outro).

Vale lembrar que a valorização de diferentes povos e suas culturas é um dos objetivos das leis que asseguram a obrigatoriedade do ensino das culturas africanas e indígenas nas escolas: a lei 10.639 foi sancionada em 2003 e institui o ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas e a lei 11.645 complementa a lei 10.639 ao acrescentar o ensino da cultura e história indígenas. O texto legal visa a promover o

reconhecimento e a valorização da pluralidade étnica, destacando a importância da presença africana e indígena na constituição da identidade brasileira.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 8

Uma das mais significativas culturas da história do continente africano, a cultura Iorubá, trazida para o Brasil por escravos africanos, conserva a tradição de citar provérbios. A maioria dos provérbios iorubanos fala das relações familiares, da posição de destaque dos mais velhos no grupo e das obrigações do indivíduo para com a sociedade, mas abordam também outras temáticas.

Correlacione os provérbios da cultura Iorubá às respectivas temáticas:

- (1) “Quando não há velhos, a cidade se arruína”.
- (2) “O amanhecer não vem despertar um homem duas vezes”.
- (3) “O afomo (uma planta parasítica) não tem nenhuma raiz; reivindica relação com toda árvore”.
- (4) “A mão pequena da criança não pode alcançar a prateleira alta; a mão grande do adulto não pode penetrar no orifício estreito da cabaça”.
- (5) “Aquele que admite suas faltas não as paga por muito tempo”.

- () Relações familiares;
- () Ancestralidade;
- () Força vital;
- () Humildade;
- () Liberdade.

Habilidade trabalhada:

Identificar os provérbios africanos como histórias-sínteses que traduzem uma moral.

Resposta comentada:

Nesta atividade, os alunos terão oportunidade de se familiarizar com alguns provérbios africanos e de relacioná-los às diferentes temáticas contempladas por eles. É interessante discutir com eles o que está implícito em cada um e a moral que eles encerram.

O **primeiro** provérbio está ligado à **ancestralidade**. Ele nos leva a pensar que os mais velhos (anciãos) constituem os alicerces de uma sociedade e que, portanto, devem ser cuidados, respeitados e valorizados.

O **segundo** provérbio está relacionado à **força vital**. A moral deste provérbio é que as oportunidades apresentadas pela vida podem não se repetir e devem, portanto, ser aproveitadas no momento em que se apresentam.

O **terceiro** provérbio remete à noção de **liberdade**, já que ele traz a ideia de rejeição à fixidez, representada no provérbio pela raiz.

O **quarto** provérbio aborda a questão das **relações familiares**, chamando a atenção para as funções dos diferentes membros da família e também para a valorização da criança.

Por fim, o **quinto** provérbio apresenta a temática da **humildade**, um valor almejado, e traz também a ideia de redenção, já que, depois de assumida uma falta, não se paga por ela por muito tempo. Dessa forma, a sequência numérica que completa adequadamente as lacunas desta atividade é (4), (1), (2), (5), (3).

É importante lembrar que este comentário é uma orientação e as discussões propostas são apenas algumas sugestões. Você e seus alunos podem conversar sobre outras interpretações possíveis para cada um dos provérbios e também pensar em outros provérbios vinculados a essas temáticas.

TEXTO GERADOR 2

O Texto Gerador a seguir é um trecho do romance indígena *O sinal do pajé*, de Daniel Mundukuru. A obra apresenta questões como a tolerância e a preservação da cultura indígena, temáticas recorrentes nos mais de quarenta livros publicados pelo autor. O romance retrata o rito de passagem de um curumim à vida adulta e mostra que as angústias, os conflitos e os questionamentos são comuns aos jovens, não somente das aldeias, mas de todo o planeta.

O sinal do pajé

– Na nossa época, Curumim – falou o velho pajé como se tivesse lido seu pensamento –, não tínhamos muito tempo para brincar, não. Vivíamos constantes tensões. Era um tempo de guerra contra outras gentes do lado oposto do rio. Era também uma época em que os homens brancos estavam chegando em nossas aldeias. Éramos jovens e torcíamos para que nossos líderes permitissem que interceptássemos os barcos que traziam os homens de roupa comprida. Mas tínhamos medo, muito medo. (...)

– Vocês tinham medo do quê? – quis saber o menino.

– Naquela ocasião, não sabíamos direito do que tínhamos medo, mas o fato é que aquelas pessoas que estavam vindo para cá encontrar-se conosco eram muito estranhas, muito feias, muito selvagens. Seus olhos eram diferentes, seus rostos sujos de pelos nos causavam medo. Seus rostos não nos permitiam ver sua pele; não sobrava nada onde se pudesse fazer uma pintura de boas-vindas. Então, não ficávamos seguros sobre o que eles realmente queriam.

– E eles não podiam ser amigos? E se só quisessem o bem de nossa gente? – questionou o garoto.

– Isso tudo, Curumim – retomou a palavra a avó-, nossos líderes também se perguntavam. Quando começamos a ouvir o sonho de nossos avós sobre a chegada dos homens peludos, era tudo engraçado. Alguns dos nossos avós chegaram a dizer que eles sabiam voar dentro de pássaros gigantes e que nossas flechas nunca poderiam impedi-

los de voar, por serem grandes e fortes. Outros pajés diziam ter visto em seus sonhos que aqueles estrangeiros eram muito perigosos porque tinham medo da floresta, dos animais, dos peixes, dos rios.

– E por que isso os tornava perigosos? – perguntou o velho pajé com a intenção de provocar a curiosidade no Curumim. – Porque com medo, as pessoas fazem coisas sem pensar direito. E se temos medo de algo, nosso primeiro pensamento é destruir o que nos assusta. Eles iriam destruir nossa terra, disso tínhamos certeza.

A conversa parou por ali. O curumim sabia que seus avós tinham um tempo certo de falar e calar, e este tempo tinha chegado ao final. Ele sabia que não adiantava mais fazer perguntas, pois eles não responderiam a mais nada naquele momento. (...)

(MUNDUKURU, Daniel. **O sinal do pajé**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003, pp. 13-15)

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 9

Cosmovisão é o panorama geral que traduz a visão e as opiniões de uma nação. Os elementos da cosmovisão estão presentes nos temas recorrentes das manifestações artísticas de um povo. No caso das literaturas indígenas, bem como das africanas, é possível observar a forte ligação desses povos com a terra, com a natureza, com a religiosidade e com a sabedoria dos anciãos.

Com base no primeiro parágrafo do Texto Gerador 2, responda:

- a) Quais marcas linguísticas foram utilizadas pelo pajé para se referir (1) à própria sociedade, (2) a outros grupos indígenas e (3) aos europeus?
- b) O que essas marcas podem revelar sobre a cosmovisão indígena?

Habilidades trabalhadas:

Identificar marcas linguísticas e recursos expressivos usados pelo autor que traduzam elementos da cosmovisão africana e indígena: concepção de universo, de vida e de sociedade; Identificar recursos estilísticos próprios dos textos africanos e indígenas.

Resposta comentada:

Para desenvolver o item (a), pode-se destacar que, no primeiro parágrafo do texto, as marcas linguísticas utilizadas pelo pajé para se referir (1) à própria sociedade são expressas pelas palavras na 1ª pessoa do plural, que revelam a relação de pertencimento a um grupo. São elas os pronomes possessivos “nossa”, “nossas”, “nossos” e os verbos “tínhamos”, “vivíamos”, “éramos”, “torcíamos”, “interceptássemos”, “tínhamos”. Para se referir (2) a outros grupos indígenas, é utilizada a expressão “outras gentes do lado oposto do rio”. Você pode explicar aos alunos que a palavra “gentes”, no plural, revela ao mesmo tempo semelhança – afinal, trata-se de pessoas – e diferença – já que estas pessoas não pertencem ao mesmo grupo – e que este não pertencimento fica ainda mais evidente na palavra “outras”, que a precede (retirar). A expressão “do lado oposto” também pode ser destacada, porque carrega o sentido do outro: o lado oposto não é o nosso lado. Por fim, para se referir (3) aos europeus, o pajé utiliza as expressões “homens brancos” e “homens de roupa comprida”. Você pode enfatizar que o adjetivo “brancos” e a locução adjetiva “de roupa comprida” expressam características que opõem indígenas e europeus. Cabe esclarecer ainda que estes não são chamados de gente, como os diferentes povos indígenas, mas de homens, considerados como seres que não fazem parte do que entendem por sociedade.

No item (b), é importante destacar que, em um texto literário, a seleção linguística pretende atribuir o máximo de sentido ao que é dito. As palavras e expressões elencadas no item (a) revelam, portanto, alguns elementos da cosmovisão indígena, como a visão de sua própria sociedade como um coletivo que age em função de um bem comum (daí a escolha pela 1ª pessoa do plural nos pronomes e nos verbos) e

a visão dos europeus como um grupo com traços incomuns na sociedade indígena (daí a escolha dos adjetivos/locuções adjetivas).

TEXTO COMPLEMENTAR 2

O texto complementar a seguir é uma lenda indígena que faz parte do folclore brasileiro. Lendas são histórias fantásticas repletas de mistérios sobrenaturais. Nas aldeias, as lendas eram muito importantes para ensinar índios jovens e ariscos. O Curupira, um dos mais populares personagens do folclore brasileiro, é conhecido como protetor de plantas e animais das florestas.

O Curupira

É um ser do tamanho de uma criança de seis a sete anos, anda nu, é peludo como o bicho preguiça, tem unhas compridas e afiadas, o calcanhar para frente e os pés para trás.

Toma conta da mata e dos animais, mora nos buracos das árvores que têm raízes gigantescas, muito comuns da floresta amazônica.

Ele ajuda os caçadores e os pescadores que fazem o seu pedido e em troca oferecem-lhe cachaça, fósforo e fumo. Este ofertório é para que o indivíduo tenha fartura nas caçadas, pescarias e roçados.

As pessoas que não têm devoção para com ele sentem medo, enjoo e náuseas a quilômetros de distância dele. Com essas pessoas, ele brinca fazendo com que elas se percam na mata.

Para se livrar do Curupira, deve-se cortar uma vara, fazer uma cruz e colocar em um rolo de cipó tumbuú, bem apertado. Ele vê esse objeto e procura desmanchar o enrolado, enquanto ele fica entretido a desmanchar o enrolado, a pessoa tem tempo para fugir.

(MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Lendas Indígenas*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>).

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 10

“O Curupira” é uma lenda indígena. Lendas são histórias que traduzem crenças e costumes de um povo. Na cultura indígena, elas são contadas oralmente. Algumas foram criadas a partir de fatos verídicos e tiveram como personagens heróis antepassados que se sobressaíram pelo poder, beleza, bondade, caridade ou outros feitos, e tornaram-se encantados. Outras se referem à flora e à fauna da região, pois, segundo as crenças indígenas, as plantas, os animais, os rios, os igarapés, os lagos, as cachoeiras e o mar possuem os seus protetores que exigem respeito e inspiram temor.

Com base nessas considerações, identifique o traço comum à lenda “O Curupira” e ao fragmento do romance “O sinal do pajé”, de Daniel Mundukuru.

Habilidade trabalhada:

Reconhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural pelo estudo das lendas indígenas e africanas.

Resposta comentada:

A lenda “O Curupira” e o fragmento do romance “O sinal do pajé” têm em comum a relação dos personagens com a natureza. Na lenda, Curupira objetiva proteger a flora e a fauna: “Toma conta da mata e dos animais”. No trecho do romance, os homens brancos são caracterizados como perigosos por não terem uma boa relação com a natureza: “Outros pajés diziam ter visto em seus sonhos que aqueles estrangeiros eram muito perigosos porque tinham medo da floresta, dos animais, dos peixes, dos rios”.

A valorização da natureza é uma temática recorrente nas produções indígenas. Seria interessante propor uma reflexão sobre a relação do homem com a natureza na atualidade.

Também valeria a pena destacar a importância das lendas para conhecer aspectos socioculturais de determinado povo. Os ensinamentos presentes nas lendas permitem a recuperação de crenças e valores. Nesse aspecto, seria interessante explorar outras lendas indígenas, disponíveis na mesma indicação desta questão.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 11

Na 1ª série do Ensino Médio, foi possível lermos a Carta de Pero Vaz de Caminha, que se presta a fazer uma descrição detalhada da viagem dos portugueses até o Brasil, bem como uma descrição dos povos indígenas que por aqui estavam. Vejamos um trecho extraído da Carta:

“E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro [...]. A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. [...]

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d’escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. [...]”

(CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>)

Comparando o Texto Gerador 2, de Daniel Mundukuru, ao trecho da carta, podemos recuperar a visão do colonizado acerca do colonizador e vice-versa.

- a) Identifique como colonizador e colonizado, em cada um dos textos, foram descritos fisicamente e psicologicamente.
- b) A visão indígena sobre seu povo é semelhante à concepção portuguesa? Justifique.

Habilidade trabalhada:

Identificar marcas linguísticas e recursos expressivos usados pelo autor que traduzam elementos da cosmovisão africana e indígena: concepção de universo, de vida e de sociedade.

Resposta comentada:

Ambos os textos apresentados demarcam diferentes pontos de vista sobre os dois grandes alvos de nosso estudo: os colonizadores e os colonizados. Tradicionalmente, como se sabe, durante muito tempo, o currículo escolar só privilegiou o discurso do branco, em uma perspectiva assumidamente eurocêntrica.

Para desenvolver a atividade do item (a), seria interessante traçar os principais aspectos físicos e psicológicos do colonizador e do colonizado por meio de um quadro, com informações extraídas dos próprios textos apresentados. Cabe acrescentar que não é tão simples distinguir, de forma perfeita, o aspecto físico do aspecto psicológico, muitas vezes estão imbricados. Por outro lado, para fins didáticos, essa diferenciação pode ser útil:

O sinal do pajé, Daniel Mundukuru		Olhar do colonizado	
Aspectos físicos		Aspectos psicológicos	
Branco	Índio	Branco	Índio

<p>“Homens de roupa comprida” “Seus olhos eram diferentes” “Seus rostos sujos de pelos” “Rostos não nos permitiam ver sua pele” “Grandes e fortes”</p>	-	<p>“Pessoas muito estranhas, muito feias, muito selvagens” “Muito perigosos” “Tinham medo da floresta, dos animais, dos peixes, dos rios” “Iriam destruir nossa terra, disso tínhamos certeza”</p>	<p>“Tínhamos medo” “Não ficávamos seguros” “Nossos líderes também se perguntavam” “Seus avós tinham um tempo certo de falar”.</p>
Carta de Pero Vaz de Caminha			Olhar do colonizador
Aspectos físicos		Aspectos psicológicos	
Branco	Índio	Branco	Índio
-	<p>“Homens que andavam pela praia” “Pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos” “Andam nus, sem coberta alguma” “Beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro” “Quartejados de cores” “Moças com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas”</p>	-	<p>“Grande inocência” “Moças bem novinhas e gentis”</p>

O romance **O sinal do pajé**, de Daniel Mundukuru, acentua as características físicas e psicológicas dos brancos, visto que o excerto retrata justamente um diálogo entre um curumim e um pajé, cujo objetivo é descrever os traços e impressões do homem europeu.

A descrição, em termos gerais, revela um ser desconhecido e muito distinto do povo indígena. Seus hábitos e costumes assustavam e intrigavam os indígenas, que viviam segundo uma lógica bastante diferente. Por isso, em contrapartida, os indígenas descrevem-se como inseguros, por exemplo.

Os alunos deverão perceber que não há descrição física dos índios em **O sinal do pajé**. Isso ocorre devido ao próprio fato de essa obra ser de autoria indígena. Já no trecho da **Carta de Pero Vaz de Caminha**, dá-se praticamente o inverso: nada se fala acerca do branco, fosse termos de aspectos físicos ou mesmo psicológicos. O objetivo do trecho em análise é justamente destacar as características dos indígenas, em uma sequência profundamente descritiva. Aliás, é a descrição física que se sobressai, justamente por conta de os aspectos físicos serem mais salientes em um primeiro contato com um povo desconhecido.

Para desenvolver o item (b) da questão, é importante levar os alunos a perceberem que não há grande tensão entre o que é descrito por Mundukuru e por Caminha em relação aos índios. Percebem-se pontos de vista complementares. Para Mundukuru, os índios estavam inseguros e temerosos pela ação dos portugueses, além de se caracterizarem como povos que veneram suas tradições e seus anciãos. Caminha, por sua vez, investe na caracterização física dos indígenas, acrescentando, quanto aos aspectos psicológicos, que eram inocentes. Quanto às índias do sexo feminino, eram novinhas e gentis.

É bastante oportuno trazer à sala de aula outros textos do período colonial e pós-colonial, principalmente os que trazem uma concepção diversa da que exploramos nesta questão. Por exemplo, é interessante ler em sala de aula alguns textos que retratem os

conflitos que se registraram na história entre brancos e índios, como os sermões do Padre Antônio Vieira, que abertamente criticava a escravidão a que os índios foram submetidos posteriormente. Afinal, os textos aqui selecionados nesta questão (retirar) sugerem apenas a percepção mútua desses povos (brancos e índios) nos primeiros anos do processo de colonização.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 12

Leia, com atenção, o texto a seguir:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

A cultura brasileira resulta de muitas influências culturais, principalmente da indígena e da africana. Na língua, na culinária, na religião, no artesanato, nos tratamentos de saúde, na música e mais em uma infinidade de segmentos, não há dissociação entre a cultura brasileira e costumes e crenças de indígenas e negros.

Considerando a diversidade cultural que estrutura a cultura brasileira, redija um parágrafo de introdução de um texto dissertativo-argumentativo em que você se posicione acerca do papel do negro e do indígena na formação do Brasil.

Habilidade trabalhada:

Escrever texto dissertativo-argumentativo sobre a participação do negro e do indígena na formação do Brasil, considerando aspectos do passado e do presente.

Comentário:

Em momento anterior do *Roteiro de Atividades*, os alunos analisaram textos, os Geradores e Complementares, tendo contato com os gêneros e a temática bimestral. Assim, a partir das atividades desenvolvidas sobre Leitura e Uso da Língua, foi possível reconhecer tendências e temáticas da produção literária indígena e africana, relacionando-as à produção nacional contemporânea, como também reconhecer a pluralidade, diversidade e multiplicidade do patrimônio sociocultural desses povos, com sua cosmovisão e seus aspectos culturais e identitários em relação à formação nacional.

Nesta etapa do trabalho, torna-se importante frisar que a tarefa proposta é uma excelente oportunidade para os alunos apresentarem seu ponto de vista, de forma crítica e embasada, sobre as influências indígenas e africanas na formação da identidade brasileira, entendendo a complexidade das origens de nossa identidade nacional, marcada pela colonização portuguesa, mas também, pela forte presença dos indígenas e africanos. Para o desenvolvimento da tarefa de produção textual, é interessante lembrar aos alunos que o parágrafo é a unidade mínima do texto e deve apresentar uma frase contendo a ideia central e uma, ou, mais frases que explicitem tal ideia. Quanto a dissertar, é importante destacar que “Dissertação é uma exposição, discussão ou interpretação de determinada ideia”, o que pressupõe:

- exame crítico do assunto sobre o qual se vai escrever;
- raciocínio;
- clareza, coerência e objetividade de exposição².

² Esta definição, assim como as observações sobre parágrafo, foi extraída da obra: FARACO & MOURA. **Para gostar de escrever**. São Paulo: Ática, 2000.

Você pode ressaltar que, quando utiliza a argumentação, o texto dissertativo torna-se dissertativo-argumentativo. Para uma boa argumentação, é preciso usar de argumentos que validem a ideia apresentada. Ao apresentar uma ideia com argumentos válidos, de modo organizado, coerente, claro e objetivo, além da expor uma ideia, o texto buscará, ainda, o convencimento do leitor sobre determinado ponto de vista.

A produção textual dos alunos pode ser socializada em grupo, exposta em mural, ou em um blog, como modo de mostrar suas reflexões sobre a temática. Vale lembrar que a atividade de produção textual propicia o treino da expressão escrita dos alunos, o que envolve a reescrita como parte do processo, por isso, oriente-os a escrever um rascunho como texto. Após terem desenvolvido esta tarefa, estimule-os a relerem o que escreveram, buscando adequar, corrigir, reescrever, se for o caso, ou passar a limpo como versão final.